



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA TRANSPESSOAL**

Carla Mirelle S. Almeida

**O Cordão De Teseu
A Libertação Através Das Artes**

Salvador- BA
2009

Carla Mirelle S. Almeida

O Cordão de Teseu
A libertação através das artes

Monografia apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Saúde (INCISA) como requisito parcial para obtenção do título de Pós - Graduação em Terapia Transpessoal.

Orientadora: Prof^a Maria Nina Couto Coutinho

Salvador-BA
2009

Carla Mirelle S. Almeida

**O Cordão de Teseu
A libertação através das artes**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduado em Terapia Transpessoal no Instituto Superior de Ciências e Saúde pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Professora Maria Nina Couto Coutinho - Pós graduada em Metodologia do Ensino Superior e Teoria da história

Professor Hélio Campos – Doutor em Ciências da Física e Mestre em Geofísica Nuclear. Especialista em Psicologia Analítica Junguiana.

Salvador-BA
2009

Dedicatória

Dedico este trabalho aos terapeutas, incansáveis e dedicados mestres e aprendizes das artes de cuidar do ser.

Agradecimentos

À minha mãe, zelosa guerreira e ao seu apoio e respeito irrestrito às minhas escolhas.

Aos meus companheiros de jornada: irmãos, amigos, mestres queridos e aos seus incentivos valorosos na minha busca pelo conhecimento, celebrando genuinamente cada desafio superado neste percurso.

Ao meu parceiro amado Mário Risso, mestre, amigo, irmão, terapeuta, que generosamente partilhou comigo o que de melhor selecionou em sua extraordinária jornada pela escola da vida.

Ao grupo Omega e a todos que ali passaram, veículo precioso de consolidação de minha tarefa de vida. Vera escola.

A amiga Vera Eça, terapeuta Transpessoal e Arteterapeuta, cujo apoio foi determinante para a conclusão deste trabalho.

À Poderosa Presença que sempre me guiou, me abençoou, me deu forças e luz nesta aventura divina e humana através do universo das sincronicidades.

RESUMO

A arte, aliada à terapia trás à tona temas considerados manifestação direta do inconsciente. Em sua aplicação terapêutica a arte tem poder de libertar as imagens e sinais contidos no inconsciente que podem ser reveladores da psique. A arte acompanhada, consegue levar o ser humano a encontrar-se consigo mesmo, com suas sombras e com seu *Self*, pois quando expressa seus conteúdos inconscientes, torna-se livre, tal qual Teseu, que usou o cordão para tornar-se caminho de individuação. porém, a arteterapia é um meio ainda pouco explorado no campo da psicologia aplicada e sua literatura escassa, apesar de tratar-se de uma ferramenta muito interessante que pode ser dirigida a indivíduos mentalmente saudáveis ou portadores de desordens psíquicas. Ao pesquisarmos “o mito do Cordão de Teseu”, também nos questionamos: em que parte de nós ele está presente? Quais são os nossos limites de centramento? De que forma podemos trilhar caminhos que nos levem a transcender?

Palavras chaves: **Teseu, arteterapia, inconsciente, expressão artística**

ABSTRACT

Art, allied to therapy, brings to light themes considered direct manifestation of unconsciousness. In its therapeutic application, art has the power to liberate images and signs held in the unconsciousness that can be revealers of psyche. Art along with a therapist's supervision can lead the human being to meet themselves, their shadows, and their "self", because when they express their unconscious contents, they become free just like Theseus, who used the cord as his way of individuation, however, art therapy is still not very explored in the applied psychology field, and its literature is scarce, although it is a very interesting tool which can be addressed to mentally healthy individuals or psychical disturbance carriers. Thinking of "the Theseus' cord myth" also brings us some questions: in which piece of us is it present? What are our center limits? How could we tread paths that lead us to transcend?

Keywords: Theseus, art therapy, unconsciousness, artistic expression

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	
	CAPÍTULO 1 SITUANDO A ARTE NA HISTÓRIA	14
1.1	A Arte de Todas as Épocas	14
1.2	A História das Artes e Suas Expressões	14
1.3	A História da Arte Contemporânea	15
2.0	JUNG, PRECURSOR DA ARTETERAPIA	17
2.1	Carl Jung, sua vida e sua arte	17
2.2	O Nascimento da Arteterapia Como Modalidade Terapêutica	19
2.3	Nise, guerreira precursora da arteterapia no Brasil	23
2.4	Jung, construindo saberes e espaços em arteterapia	24
3	CAPÍTULO 2 TESEU, SIMBOLO DE CURA E LIBERTAÇÃO	29
3.1	Teseu ao encontro do SELF	29
3.2	Teseu o Valente Guerreiro Filho do Rei	29
3.3	De Volta à luz Teseu torna-se rei vitorioso	29
3.4	A Prova iniciática	30
3.5	A arte como um fio transformador	31
3.6	Os labirintos e as expressões artísticas	32
4	BRINCANDO DE ARTISTA E DESCOBRINDO-SE O FIO CONDUTOR	35
4.1	A Criança e o Mundo das Artes	35
4.2	A Importância de Incentivar a Criança a Produzir artes	35
4.3	O Ambiente Ideal para a criança produzir de artes	36
4.4	O Temperamento dos pequenos artistas em terapia	36
4.5	A Importância das mãos na arteterapia	37
4.6	Erros e borrões ou conteúdos reprimidos?	38
4.7	Atitudes terapêuticas diante das produções artísticas	38
5	CONCLUSÃO	40
6	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O tema **O Cordão de Teseu e a libertação através das artes** visa principalmente demonstrar a eficácia da expressão artística no processo terapêutico, uma vez que dançar, cantar, desenhar, pintar ou esculpir são expressões primordiais do ser humano e o cordão de Ariadne, vínculo entre o real e o abstrato, torna-se de apoio terapêutico que nos remete a esperança que habita na totalidade do ser, porém, está esquecida por aquele que encontra-se enfermo do corpo ou da alma.

A escolha do tema Cordão de Teseu e a libertação através das artes, foi motivada devido esse arquétipo fascinante e instigante nos remeter à especulação iniciática e o labirinto um arquétipo antigo, que por vezes são sombras ou espelhos e por isso nos remete a interpretações diversificadas. Ainda porque o labirinto está presente em todos os campos da ciência, seja na psicologia, na arquitetura, na antropologia, na matemática, na filosofia, mas principalmente nas artes por ser rota e fator de cura, saúde e transformação.

Visa ainda alertar que a arte por si só não é terapêutica, não cura. Lembremos dos grandes artistas como Van Gogh e Dali, gênios fantásticos da arte que em suas loucuras criaram obras primas maravilhosas, mas não conseguiram curar-se de suas mazelas mentais.

A arte curativa é aquela acompanhada por um terapeuta eficaz, que faça do momento terapêutico um espaço sagrado para que a pessoa possa despertar sua farmácia interna trazendo à tona as sobras, e possam integrá-las e transformá-las em saúde.

Entretanto, o terapeuta não deve impor nenhum comportamento particular, mas deixar o paciente livre e estar disposto a acompanhar o inconsciente do indivíduo em sua jornada e parodiando Ariadne, colocar diante dele o fio da libertação.

O objetivo deste trabalho é, portanto, lançar bases de estudo posteriores sobre esse precioso caminho, uma vez que existe grande escassez de informações sobre o uso

terapêutico da arte e cuja investigação jamais deverá ser ignorada por profissionais que lidem com o desenvolvimento humano

Pesquisa realizada no bairro de Pituaçu, Salvador com 179 indivíduos de diferentes gêneros e faixa etárias e etnias, demonstrou que conteúdos psíquicos inconscientes revelados e devidamente decifrados fornecem *insights* terapêuticos de grande valor, uma vez que permitem ao inconsciente expressar-se e revelar-se facilitando o processo de cura.

Teseu é um arquétipo fecundo e criativo que suscita o inconsciente individual e coletivo e nos remete a experiências ancestrais, ele e sua confiança arquetípica na solução de conflitos, representam a busca da individuação e o combate à besta que são as sombras e projeções.

Através das artes, pode-se dialogar com os arquétipos Icaro, Dédalo, Minos e Pasife, Ariadne e Teseu, como forma de tirar o véu e entender que todos nós em algum momento da vida pode ter estado preso nos horrores dos labirintos psíquicos ou morais e o fio que nos faz encontrar o caminho de volta certamente pode ser a expressão artística como terapia.

Verificou-se que as teorias da psicoterapia junguiana permanecem como pano de fundo na justificativa deste campo temático. No entanto poucos profissionais desenvolvem sua atividade utilizando-se das expressões artísticas.

Com a finalidade de atingir-se o objetivo deste trabalho de forma organizada e estruturada e para elucidar as questões norteadoras da pesquisa, este trabalho foi dividido em duas partes:

Na primeira, foi realizada pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica através de fontes primárias e secundárias, onde os conceitos sobre o tema foram aprofundados.

Na segunda parte, foi utilizado como metodologia uma pesquisa qualitativa com entrevistas realizadas em consultório terapêutico no bairro de Pituaçu, Salvador, no

período de janeiro 2007 a agosto de 2008, com frequência semanal, que propiciou a vivência prática do fenômeno e o contato direto com os resultados através da observação direta de 179 indivíduos de ambos os gêneros, com faixas etárias entre 06 e 45 anos, num período de um ano e seis meses, com sessões de uma hora, onde foi observado que muitos dos entrevistados encontravam-se presos a labirintos e não sabiam a saída, pois permaneciam presos às forças egóicas primitivas.

A abordagem usada fundamenta-se na associação de atividades artísticas à psicoterapia, partindo de referências teóricas, como Carl Gustav Jung, do trabalho de Nise da Silveira e outros, Uma abordagem experimental desenvolvida com objetivo de analisar os efeitos da arte na saúde de adultos e criança.

No decorrer desta pesquisa, dentro do universo ao qual se limitou, constatou-se que a terapia pela arte encontra-se no início de um caminho a ser percorrido, sendo uma área ainda muito pouco explorada, não obstante a autenticidade de seus fundamentos e a concretude de seus resultados.

Durante as entrevistas utilizando-se observação direta, foi oportunizada a realização de artes espontâneas, onde se pode detectar que as energias ligadas aos complexos que não podiam mais permanecer estagnadas, vieram à tona através das expressões artísticas as quais fizeram surgir símbolos de regiões profundas do inconsciente que deslocaram-se para o consciente, oportunizando serem trabalhadas e reintegradas.

Estes encontros semanais proporcionaram aos entrevistados autoconhecimento, o desenvolvimento e a libertação do inconsciente, pela exteriorização das emoções reprimidas e ficou revelado ainda, que os conteúdos psíquicos inconscientes relevantes, são transmitidos não apenas pelas artes das pessoas emocionalmente doentes, mas também pelas saudáveis.

A abordagem terapêutica relatada aqui utilizou-se de artes desenvolvidas em três níveis de atuação:

Desenvolvimento da ludicidade, usou-se a criatividade e a ludicidade para oportunizar o contato com dons e talentos, resgatar a criança interna e permitir aos entrevistados sentir o aqui e agora, permitindo entrar de forma lúdica em contato com essa identidade do seu mundo interior importantes para desenvolvimento humano, pois quando nossa "criança interna" está ferida, apenas reage ao que lhe traz dores e sentimentos desagradáveis, podendo deixar a pessoa em condições emocionais desfavoráveis bloqueando o seu Ser e a sua criatividade.

Criação de espaço de segurança, Foi criado ambiente calmo e acolhedor que aumentou a confiança e oportunizou aos entrevistados, entrarem em sintonia com sua totalidade, estimulando a imaginação e a intuição, aumentando sua capacidade criativa e de expressão.

Ambiente Transformador, As produções artísticas e o ato criativo tornaram-se uma pulsão que os conectou ao universo, é como se ocorresse uma alquimia transformadora, ocorrendo o verdadeiro cordão de Teseu. O elemento comum a essa prática foi a crença no potencial terapêutico dos processos criativos, na capacidade de mobilizar, facilitar e promover a expressão da consciência e a transformação interior.

A Arteterapia é um termo amplo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Um campo que comporta diferentes linhas teóricas e diferentes áreas de atuação: pode ser utilizada em psicoterapia individual, familiar e grupal, nas mais diversas situações clínicas e institucionais.

Assim, a arteterapia passa a ser um instrumento precioso também em terapia com famílias, proporcionando ricas alternativas ao trabalho verbal e oferecendo oportunidades para que o grupo familiar em crise ou com problemas interpessoais se expresse por meio de metáforas e imagens, criando condições de reconstrução e reestruturação da realidade familiar.

As filosofias alternativas de vida se multiplicam velozmente, na expectativa de oferecer uma âncora para que o homem moderno não seja arrastado, no frenesi no qual vive, para o abismo do vazio existencial.

As clínicas de psicoterapia se tornam cada vez mais holísticas, e algumas tem associado à sua atividade terapêutica, o exercício de expressões artísticas pintura, modelagem, teatro, dança, etc. acreditando serem estas uma grande chave para sucesso terapêutico, proporcionando o autoconhecimento, o desenvolvimento criativo pessoal, pela liberação do inconsciente, e pela exteriorização de emoções reprimidas

É conhecido o efeito terapêutico do uso da arte no ser humano por favorecer o processo de expressão e expansão da consciência, tornando-se um recurso valioso para trilhar o caminho do auto conhecimento e da cura e comprovadamente promover o aumento da qualidade de vida, a atividade artística aplicada à terapia tem sido objeto de investigação, não somente da psicologia e da psiquiatria, mas, sobretudo de diversas formas de terapia, embora ainda a nível restrito e experimental.

1 SITUANDO A ARTE NA HISTÓRIA

1.1 A arte de todas as épocas

Dentre as linguagens mais antigas da história das civilizações, encontram-se as expressões artísticas, sobretudo as plásticas, as quais durante o seu percurso histórico ganhou inúmeras interpretações. A arte sempre esteve presente no universo desde os primórdios, se tomarmos como parâmetro as pinturas rupestres, veremos que os homens da caverna já se expressavam através das artes e ritos promovendo cura.

1.2 A história da arte e suas expressões

A arte vem fazendo história, marcando épocas, gerações, pensamentos. Artistas de todos os gêneros e épocas foram rotulados ora de magos, loucos, ou de gênios. Entretanto, somente com o advento do humanismo, quando a arte passou a ser considerada também como expressão da individualidade do artista, foi possível estabelecer uma maior relação da arte, não somente com o mundo visível, concreto, mas com o mundo dos ideais, das emoções das angústias, em fim do espírito humano em sua relação com o mundo exterior.

O tato psicológico de que o artista sempre foi o instrumento e o interprete de sua época. Em termos de psicologia pessoal, sua obra só pode ser parcialmente compreendida, consciente ou inconscientemente o artista dá forma à natureza.

Foram poucos, porém, os artistas que tomaram consciência da relação entre a sua forma de expressão e a psicologia. Entre eles, Wassily Kandinsk, que aprofunda em sua obra artística e literária o conteúdo espiritual presente na arte, Jackson Pollock, Piet Mondrian, Paul Klee que trata a pintura como sendo uma revelação do próprio ser do artista. Todos, porém, representantes de um novo conceito da arte no século atual. (JUNG, 1971:262).

A estrutura dos propósitos e das hipóteses que teriam sido concebíveis a um determinado sujeito, em um determinado momento da história, se reconfigura através da expressão artística e permite que se dialogue com esse sujeito no que se refere a seus princípios e valores contemporâneos.

Nele se configura o repertório técnico e filosófico de um determinado ser individual e de um determinado grupo, em um momento definido de sua trajetória. Um estilo visual permite, portanto, acesso às capacidades, aos hábitos visuais e à experiência típica de uma época.(FRANCASTEL, 1990).

A arte moderna, baseada na racionalidade científica, tende a desprezar e no entender, por exemplo, a função da arte no contexto da sociedade egípcia e reconstituir a motivação psicológica do homem que habitou uma teocracia.

Não nos basta denotar o sentido formal da singularidade de suas pinturas se não pudermos recuperar, também o sentido religioso da devoção desse povo à magia contida nos ângulos. Mas isso nos obriga a um exercício complexo, pois perdemos muito da força da teologia e da atualização dos sistemas metafísicos ao privilegiarmos o desenvolvimento tecnológico de maneira unilateral. Daí o esforço tão grande em compreender o sentido religioso da arte egípcia.(PERRY 1998)

1.3 A história da arte contemporânea

Essa riqueza de interpretações e referências várias vezes verificada no universo da história da arte, tende a ressoar na interioridade humana, de maneira a facilitar a compreensão do ato criativo, aumentar o senso individual de pertinência e religar a consciência da esfera individual ao coletivo. O fato de notarmos que temos manifestações artísticas distintas em épocas diferentes capacita o homem como transformador da realidade.

O estudo da história da arte contemporânea, ao propor a experiência e a consciência dessa pluralidade, permite que o homem examine seu processo de aquisição de identidade do ponto de vista de uma conduta ativa. Saber decodificar a linguagem das imagens visuais é, portanto, vital para penetrarmos nas cadeias de valores subjacentes à representação.(FRANCASTEL, 1990).

A inteligência visual aumenta o efeito da inteligência humana e amplia o espírito criativo. Não se trata apenas de uma necessidade mas, felizmente, de uma promessa de enriquecimento humano para o futuro.

A arte hoje pode questionar uma temporalidade caótica, denunciar o descartável e o efêmero em função da compreensão histórica de tantas mudanças. O universo da arte permite, portanto, um exercício de interpretação da relação do homem consigo mesmo e com seu mundo, concretizado em um produto expressivo. (COLI 1995)

As pesquisas dos psicólogos contemporâneos tornaram clara a idéia que os artistas, por seu lado, vinham vivenciando há muito, sem formulá-la verbalmente de modo explícito de que o desenho exprime menos o modelo do que a atividade daquele que desenhou.

“O fazer artístico vem confirmar a produção que nasce desse diálogo, sintetizado por uma linguagem sensível nas práticas dos ateliês terapêuticos”.(FRANCASTEL, 1991)

2 JUNG PRECURSOR DA ARTETERAPIA

2.1 Carl Jung sua vida e sua arte

Carl Jung nasceu no dia 26 de julho de 1875, no vilarejo de Kesswil, na Suíça. Filho mais velho de um pastor protestante, Jung também tinha mais oito tios que eram pastores. O contato de Jung com a religião influenciou profundamente seu trabalho.

Jung foi uma criança muito solitária e doente. Sua família mudou-se diversas vezes durante sua infância, e sua irmã nasceu quando ele estava com nove anos. Assim, ele acabou desenvolvendo uma tendência a sonhar e fantasiar e suas fantasias de infância se tornaram grande influência em seu trabalho.

Jung passou sua adolescência convivendo em meio aos conflitos internos e religiosos e encontrou consolo em seus estudos. Em 1902, formou-se em medicina, com um amplo conhecimento em biologia, zoologia, paleontologia e arqueologia.

Em 1905, Jung tornou-se professor de psiquiatria da Universidade de Zurich, na mesma época em que ocupava o cargo de médico superior em uma clínica psiquiátrica. Carl Jung foi um dos maiores psiquiatras do mundo. Fundador da escola analítica de Psicologia e introduziu termos como **inconsciente coletivo, arquétipos extroversão e introversão, sombra, animus e anima, energia psíquica, imaginação ativa, complexos e outras.**

Jung também propôs que se poderia agrupar as pessoas de acordo com o seu maior desenvolvimento em uma das quatro funções: **pensamento, sentimento, sensação, ou intuição.** Existem duas maneiras através das quais percebemos as coisas **Sensação** e Intuição e existem outras duas, que usamos para julgarmos os fatos **Pensamento e Sentimento**

Jung tinha sua própria linha de pensamento, e em 1914, devido às divergências de opiniões, a amizade entre ele e Freud, foi abalada. Jung desistiu da presidência da Sociedade Internacional de Psicanálise e co-fundou um movimento chamado Psicologia Analítica.

Ao romper com Freud, seu amigo, entrou em profunda crise existencial e foi obrigado a se questionar. Em crise, teve acesso às dimensões espirituais da psique e os estados modificados da consciência.

Jung sentia que a ênfase da psicanálise nos fatores eróticos era um ponto de vista unilateral, uma visão reducionista da motivação humana e do seu comportamento.

Para Jung, o inconsciente pessoal consiste fundamentalmente de material **reprimido e de complexos** e o inconsciente coletivo é composto fundamentalmente de uma tendência para sensibilizar-se com certas imagens e símbolos que constelam sentimentos profundos de apelo universal, os arqueótipos.

Utilizando-se do conceito de "**complexos**" e do estudo dos sonhos e de **desenhos**, Jung passou a se dedicar profundamente aos meios pelos quais se expressa o inconsciente.

Jung conduziu uma pesquisa que visava o estudo das reações da psique de pacientes mentais, dando início ao seu trabalho sobre **associação de palavras**, o que Jung chamava de "**complexo**" termo que se tornou universal e ampliou as visões psicanalíticas de Freud, interpretando distúrbios mentais e emocionais como uma tentativa do indivíduo de buscar a perfeição pessoal e espiritual.

Em 1912, por insistência de Freud, Jung tornou-se presidente da Sociedade Psicanalítica Internacional e apesar da amizade, Jung não adotou várias das teorias de Freud, especialmente a de que os problemas sexuais são a base para todas as neuroses, ou a visão de Freud do complexo de Édipo.

Carl Gustav Jung morreu a 6 de junho de 1961, aos 86 anos, em sua casa, nas margens do lago de Zurique, em Küsnacht, após uma longa vida produtiva que marcou a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Literatura, a Mitologia e a Arte.

A partir de Carl G. Jung, muitos foram os horizontes abertos para a psicoterapia moderna. A sua teoria sobre o inconsciente coletivo e seu estudo dos símbolos, sobretudo, tem despertado cada vez mais interesse, e graças a isto muitos estudos e experiências vem sendo desenvolvidos com resultados surpreendentes.

Jung introduziu na psicologia novos elementos para a compreensão da psique, e defendeu durante toda a sua atividade de pesquisa e experimentação, a relação da sua trama mais íntima com o simbolismo universal, e dentro desta perspectiva serviu-se em sua longa atividade psicoterapêutica, não somente da interpretação de sonhos, mas de expressões pictóricas das imagens contidas no inconsciente.

Partindo desse conceito, na tentativa de penetrar no íntimo de seus doentes, Jung sugeria que pintassem. E se lhe diziam que não sabiam pintar, Jung respondia que não se tratava de reproduzir belas paisagens. "Pintar aquilo que vemos diante de nós é uma arte diferente de pintar o que vemos dentro de nós. O que importa é o indivíduo dar forma, mesmo que rudimentar, ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos. Somente pela forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais. (SILVEIRA, 1992: 85)

Jung vê nos produtos da função imaginativa do inconsciente auto-retratos do que está acontecendo no espaço interno da psique, sem quaisquer disfarces ou véus, pois é peculiaridade essencial da psique configurar imagens de suas atividades por um processo inerente à sua natureza.

Segundo Jung, a energia psíquica faz-se e transforma-se em imagem às vezes difícil de entendê-las de imediato, não por serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas por se exprimirem noutra linguagem racional. Exprimem-se por meio de símbolos, ou de mitologemas, cuja significação desconhecemos, ou melhor, já esquecemos.

2.2 O nascimento da arteterapia como modalidade terapêutica

“Em contraste com as abordagens que se limitam predominantemente às intenções verbais entre médico e paciente, as novas terapias encorajam a expressão não verbal e enfatizam a experiência direta, envolvendo todo o organismo”. (SILVEIRA, 1992)

Desvelar o inconsciente, mergulhar na sua infinitude e dali captar seus símbolos, tem sido um desafio constante da psicologia e ciências afins, as quais acreditam encontrar na decodificação de sua linguagem, a cura para diversos males e conflitos humanos.

Partindo desse conceito, na tentativa de penetrar no íntimo de seus doentes, Jung sugeria que pintassem. E se lhe diziam que não sabiam pintar, Jung respondia que não se tratava de reproduzir belas paisagens. Pintar aquilo que vemos diante de nós é uma arte diferente de pintar o que vemos dentro de nós (SILVEIRA, 1992: 85).

O que importa é o indivíduo dar forma, mesmo que rudimentar, ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos. Somente pela forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais.

Durante anos, Jung se dedicou à psicologia pictórica de processos mentais, no intuito de comprovar a importância da relação da expressão artística com a psicoterapia, evidenciando o processo terapêutico desenvolvido a partir desta interligação.

Para Jung, quando o homem leva a sério os sentimentos, os humores, as expectativas e as fantasias enviadas por sua alma e quando os fixa de alguma forma, por exemplo, na literatura, pintura, escultura, música ou dança.

Quando trabalha calma e demoradamente todas estas sugestões, outros materiais ainda mais profundos surgem do seu inconsciente, entrando em conexão com o material primitivo. Depois que uma fantasia fixou-se de alguma forma, ela deve ser examinada tanto ética quanto intelectualmente, em uma avaliação sensível e calculada.(JUNG, 1971: 186)

No volume XI de Obras Completas de Freud, o mesmo relata que freqüentemente experimentamos os sonhos em imagens visuais, sentimentos e pensamentos; sendo mais comum na primeira forma. E parte da dificuldade de se estimar e explicar sonhos deve-se à dificuldade de traduzir essas imagens em palavras. Muitas vezes, quando as pessoas sonham, dizem que poderiam mais facilmente desenhá-los que escrevê-los.

Foi, porém, somente no final do século XIX e início do século XX que JUNG, personagem de singular importância na história da psiquiatria e da psicologia deu ao historiador literário um novo estímulo para relacionar certas peculiaridades da obra de arte individual, com vivências íntimas e pessoais do artista.

Este seu pensamento incluía as manifestações artísticas em geral, nas suas mais diversas modalidades. A partir de suas investigações e teorias, sobretudo do

inconsciente, JUNG revolucionou, inaugurou uma nova linha para a psicologia médica, e no vasto campo das criações artísticas, muitas foram as indagações que surgiram sobre a atividade psicológica manifestada nas mesmas.

“Com sua propensão a criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão tanto na religião quanto nas artes visuais”.(JUNG, 1971).

Afirma-se assim, que a imagem como o centro da percepção do homem em seu processo de construção de vida, integrado ao princípio transformador e criativo da arte vivenciada privilegiando a linguagem plástica e a reflexão estética, provoca a ampliação da consciência pessoal por meio de uma conduta terapêutica, sendo um de nossos referenciais como profissionais.(FRANCASTEL, 1991).

Jung introduziu na psicologia novos elementos para a compreensão da psique, e defende durante toda a sua atividade de pesquisa e experimentação, a relação da sua trama mais íntima com o simbolismo universal, e dentro desta perspectiva serviu-se em sua longa atividade psicoterapêutica, não somente da interpretação de sonhos, mas de expressões pictóricas das imagens contidas no inconsciente.

O recurso da arte aplicado à psicopatologia originou-se quando Jung passou a trabalhar com o fazer artístico, em forma de atividade criativa e integradora da personalidade. Segundo ele, a arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida.(Jung, 1920).

“Em contraste com as abordagens que se limitam predominantemente às intenções verbais entre o médico e o paciente, as novas terapias encorajam a expressão não verbal e enfatizam a experiência direta, envolvendo todo o organismo”.

(SILVEIRA, 1922)

Não com intenção de produzir obras de arte, embora isto pudesse eventualmente ocorrer, e sim para dar ao doente meios para exprimir seus conflitos internos e poder assim, através da linguagem simbólica, trazê-los a nível consciente. (SILVEIRA, 1922:29)

“Não com intenção de produzir obras de arte, embora isto pudesse eventualmente ocorrer, e sim para dar ao doente mais meios para exprimir seus conflitos internos e

poder assim, através da linguagem simbólica, trazê-los a nível consciente". (SILVEIRA, 1922:29)

Quando o homem leva a sério os sentimentos, os humores, as expectativas e as fantasias enviadas por sua **anima** e quando ele os fixa de alguma forma, por exemplo na literatura, pintura, escultura, música ou dança. Quando trabalha calma e demoradamente todas estas sugestões, outros materiais ainda mais profundos surgem do seu inconsciente, entrando em conexão com o material primitivo. Depois que uma fantasia fixou-se de alguma forma, ela deve ser examinada tanto ética quanto intelectualmente, em uma avaliação sensível e calculada" (JUNG, 1971: 186).

Portanto, Jung vê nos produtos da função imaginativa do inconsciente auto-retratos do que está acontecendo no espaço interno da psique, sem quaisquer disfarces ou véus, pois é peculiaridade essencial da psique configurar imagens de suas atividades por um processo inerente à sua natureza.

Partindo desse conceito, na tentativa de penetrar no íntimo de seus doentes, Jung sugeria que pintassem. E se lhe diziam que não sabiam pintar, Jung respondia que não se tratava de reproduzir belas paisagens. "Pintar aquilo que vemos diante de nós é uma arte diferente de pintar o que vemos dentro de nós. O que importa é o indivíduo dar forma, mesmo que rudimentar, ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos. Somente pela forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais. (SILVEIRA, 1992: 85)

A energia psíquica transforma-se em imagem e se nos é difícil entendê-las de imediato, não por serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas por se exprimirem noutra linguagem racional. Exprimem-se por meio de símbolos, ou de mitologemas, cuja significação desconhecemos, ou melhor, já esquecemos. (SILVEIRA, 1992)

Desvendar a sombra dentro do que chamamos de processo para a individualidade junguiana que é desenterrar tudo aquilo que não gostaríamos de encarar e o ego consciente recusa-se a admitir, é uma das parcelas do trabalho terapêutico que mais sofre rejeições por parte de muitos sujeitos em terapia, os quais necessitam vivenciar o paradoxo de que todo o lixo apodrecido é também o fertilizante.(ZWEIG; ABRAMS, 1999).

Jung encontra na arte a expressão não somente do inconsciente pessoal, marcado por emoções reprimidas, mas uma linguagem da atividade desenvolvida na psique humana e também influenciada por uma herança de símbolos universais (arquétipos).

2.3 Nise, guerreira percussora da arteterapia no Brasil

Este processo ocorreu a passos curtos no início do século XX; tal era o preconceito no meio médico, sobretudo em relação à sua abordagem holística da formação da psique humana.

No Brasil destacou-se como pioneira desta linha a psiquiatra Nise da Silveira. Nascida em Maceió, Alagoas, em 1906, formada em psiquiatria na Universidade Baiana em 1933. Deu início a sua atividade profissional em manicômios, servindo-se de novos métodos terapêuticos, até então desconhecidos ou desprezados.

A psiquiatra chocada com os métodos de tratamento à base de choques elétricos, lobotomia, drogas fortíssimas, desenvolveu, inspirada na escola francesa, na teoria da terapia ocupacional, um tratamento alternativo que buscava inserir entre os doentes novos modos de expressão, fosse na realização de simples trabalhos domésticos, no cuidado de animais abandonados que recolhia pelas ruas e principalmente na realização de trabalhos artesanais.

Entre perseguições intensas e até mesmo prisão a psiquiatra prosseguiu seu trabalho até que em 1946, quando assume a Seção de Terapêutica Ocupacional (STOR), criando oficinas de trabalho artesanal, os ateliês de atividades expressivas como a pintura e a modelagem; e a partir de então a terapêutica ocupacional deveria ser entendida como um processo de cura.

Numerosos e surpreendentes mostraram-se os resultados deste novo e eficiente método terapêutico. Observando, porém, os resultados de expressões pictóricas dos pacientes, Nise da Silveira descobria uma porta para a interpretação do universo interior dos pacientes e passava assim a aprofundar os estudos da psicoterapia junguiana, estabelece um contato direto com Jung e por ele é convidada a aprofundar seus estudos no Instituto Junguiano de Pesquisa em Zurique durante os anos de 1952 a 1957.

“A cura encontra-se na possibilidade do doente conseguir através da expressão simbólica vencer a desordem interior e reatar os vínculos com a realidade”.
(GULLAR, 1996)

A descoberta feita por Jung de certos personagens, arquétipos, que aparecem nas produções inconscientes (**a sombra, o velho, a criança e o jovem herói, a mãe e a jovem**) também oferecem chaves para leitura das pinturas e desenhos dos esquizofrênicos. (SILVEIRA apud GULAR, 1996:2)

2.4 Jung, construindo novos saberes e espaços

A expressão livre, através do desenho, pintura e modelagem, mais que qualquer outra atividade, revelou-se de grande interesse científico, por permitir maior acesso ao mundo interno do esquizofrênico, sempre tão hermético.

Além disso, as configurações plásticas captavam imagens da situação psíquica possibilitando assim estudos posteriores. E simultaneamente verificava-se de maneira empírica, a surpreendente eficácia da expressão plástica como verdadeira modalidade de psicoterapia.

Nenhum terapeuta tem em mira que seu paciente produza obras de arte, e este último não pinta pensando ser um artista. O que ele busca é uma linguagem com a qual possa exprimir suas emoções mais profundas. O terapeuta busca nas configurações plásticas do seu paciente, seus sofrimentos e seus desejos sob forma não preposicional, pontua (SILVEIRA 1993:93).

Embora desenvolvida inicial e longamente com pacientes esquizofrênicos, a psicoterapia de Jung oferece largas bases para aplicação de atividades artísticas no processo terapêutico do homem comum, seja pela possibilidade de aliviar a tensão de conflitos interiores, ou para desenvolver seu potencial criativo. Um dos maiores expoentes da expressão plástica na psicoterapia.

“A arteterapia orientada no reconhecimento de que os pensamentos do homem derivam do inconsciente, acredita que os conteúdos em imagens exprimem-se melhor do que em palavras”. (SILVEIRA, APUD Gullar 1996)

“Segundo Jung, a atividade criadora possibilita a integração dos opostos. As emoções, sensações e pensamentos por seu intermédio se reconhecem, se

associam permitindo que se dêem formas aos tumultos interiores”. (BIEULLER, 1950)

Da mesma forma que o fio de Ariadne, segurado numa ponta por Teseu (Yang) e no outro por Ariadne (Yin), ocorrendo a união dos opostos que gera a libertação .

A psicoterapia Junguiana tem por meta não só a dissolução de conflitos intrapsíquicos e de problemas interpessoais, mas favorece também o desenvolvimento de sementes criativas inerentes ao indivíduo que o ajudam a crescer.

A arte não objetiva extrair seus conteúdos essencialmente do íntimo das pessoas, uma vez que este íntimo é invisível e inimaginável, mas pode influenciar a consciência de um modo muito eficaz, levo meus pacientes a reproduzi-los da melhor forma possível, através da forma pictórica. A finalidade deste modo de expressão é tornar os conteúdos inconscientes acessíveis e assim, aproximá-los da compreensão. (JUNG, 1971)

Os métodos e caminhos terapêuticos que vêm surgindo na atualidade delineiam cada vez mais uma tendência holística para a qual a psicologia se encaminha, assim como as ciências médicas de um modo geral. Popularizam-se, cada vez melhor fundamentadas em estudos, pesquisas sérias, redimensionando o valor da intuição, da criatividade, abrindo portas para novos saberes.

Das camadas mais profundas da psique, podem emergir imagens arquetípicas ricas em arcaísmos e motivos mitológicos reativados pela situação presente daquele que as visualiza. As palavras fracassam, mas a necessidade de expressão, necessidade imperiosa e inerente a psique leva o indivíduo a configurar sua visões, o drama de que se tornou o personagem, seja em formas toscas ou belas, não importa, acrescenta (SILVEIRA, 1992).

“As técnicas da arteterapia baseiam-se no conhecimento que o indivíduo, tenha ou não treinamento em arte, possui capacidade latente para projetar seus conflitos internos sob forma visual”. (BIEULER, 1961:68)

“O terapeuta busca nas configurações plásticas do seu paciente, seus sofrimentos e seus desejos sob forma não preposicional Utilizando de preferência a linguagem plástica”.(SILVEIRA 1993)

No entanto, a palavra arteterapia vem sendo usada comumente com uma conotação ainda não totalmente apropriada. No início desta década, grande parte dos ateliês de arteterapia não passavam de setores recreativos, situados dentro de uma linha mais propriamente dita de terapia ocupacional, embora esta característica não invalide a sua função de conduzir o paciente a um certo desligamento do ativismo frenético no qual geralmente está mergulhado possibilitando um alívio das tensões internas.

Atualmente, inúmeros ateliês são geridos por profissionais qualificados nas áreas do desenvolvimento humano (terapeutas, psicólogos, artistas, assistentes sociais, educadores, dentre outros) atuando em diversos casos dentro de uma perspectiva interdisciplinar, possuem uma dinâmica de trabalho que proporciona ao paciente um contato com o seu universo imaginativo, despertando a sua capacidade criativa, favorecendo o desenvolvimento de suas habilidades pessoais e conseqüentemente oferecendo espaço para a recuperação da auto-imagem, do equilíbrio emocional e uma melhor integração com o meio social.

Observa-se, ordinariamente, grande parte dos ateliês de arteterapia não passam de setores recreativos, situados dentro de uma linha mais propriamente dita de terapia ocupacional, embora esta característica não invalide a sua função de conduzir o paciente a um certo desligamento do ativismo frenético no qual geralmente está mergulhado possibilitando um alívio das tensões internas.

Em alguns casos esses ateliês possuem uma dinâmica de trabalho que proporciona ao paciente um contato com o seu universo imaginativo, despertando a sua capacidade criativa, favorecendo o desenvolvimento de suas habilidades pessoais e conseqüentemente oferecem espaço para a recuperação da auto-imagem. Do equilíbrio emocional e uma melhor integração com o meio social.

Entretanto, questiona-se a dinâmica de orientação desta atividade nos diversos ateliês e oficinas dispersos nesta cidade segundo observado no universo ao qual foi delimitada esta pesquisa.

É muito comum encontrar experiências isoladas, realizadas por profissionais não especializados. Os próprios pacientes são “orientados” por estes a descobrir a significação de suas expressões.

Variados autores definiram arteterapia com conceitos semelhantes ao que diz respeito à auto-expressão. É a arte ilimitada unida ao processo terapêutico, que transforma a arteterapia em uma técnica especial.

A prática da expressão artística como sendo libertadora e reveladora dos impulsos criativos é porta para o auto conhecimento, bem como para o desenvolvimento integral do ser humano na sua capacidade de perceber a realidade sob o prisma da intuição, favorecendo a criatividade na busca de saídas para as mais diversas situações.(ESTÈS 1997).

O emprego de expressões plásticas na psicoterapia como canal de contato com atividade interior do paciente, exige como sugere um treinamento sobre os níveis não verbais de nosso ser total, um conhecimento aprofundado e extenso sobre as representações simbólicas do homem e do universo no qual se insere, assim como um estudo integrado e comparativo desta linguagem no universo de cada paciente a médio ou longo prazo (HUXLEY apud SILVEIRA 1992)

O fato psicológico de que o artista sempre foi o instrumento e o interprete de sua época. Em termos de psicologia pessoal, embora parcialmente compreendida, consciente ou inconsciente com suas produções artísticas, o paciente dá forma à natureza e aos valores da sua época, que por sua vez são responsáveis por sua formação. O que resta de individual é a maneira de expressão, o estilo e a qualidade. (JUNG,1964: 251)

Conforme JUNG apud Silveira, (1997: 29) A expressão livre, através do desenho, pintura e modelagem, mais que qualquer outra atividade revelou-se de grande interesse científico, por permitir maior acesso ao mundo interno do esquizofrênico, sempre tão hermético. As emoções, sensações e pensamentos por seu intermédio se reconhecem se associam permitindo que se dêem forma aos tumultos interiores.

Uma obra de arte consegue por si só, transmitir sentimentos como alegria, desespero, angústia, ódio, medo e felicidade, de maneira única e pessoal, relacionadas ao estado espiritual que se encontra o autor no momento da confecção.

Para Zweig e Abrams, (1999). Desvendar a sombra dentro do que chamamos de processo para a individualidade junguiana (é desenterrar tudo aquilo que não gostaríamos de encarar e o ego consciente recusa-se a admitir), é uma das parcelas do trabalho terapêutico que mais sofre rejeições por parte de muitos sujeitos em terapia, os quais necessitam vivenciar o paradoxo de que todo o lixo apodrecido é também o fertilizante

Sabe-se que muitos teóricos a partir de Carl Jung tornaram-se horizontes abertos para a psicoterapia moderna, sua teoria enfatiza a importância dos símbolos e metáforas na nutrição do inconsciente e consciente e nesse sentido a arte torna-se o cordão de Teseu, o guia que sinaliza o caminho a ser percorrido para se chegar ao âmago da cura interior.

3 Teseu, Símbolo De Cura E Liberdade

3.1 Teseu, ao encontro do Self

A lenda de Teseu desenrola-se no palácio de Cnosso, em Creta, nos subterrâneos deste palácio foi construído por Dédalo, um grande labirinto para encerrar o Minotauro, monstro metade humana e metade fera que se nutria de carne humana e que em determinada época, exigia sete moças e sete rapazes para serem lançados vivos para seu alimento

3.2 Teseu o valente guerreiro filho do rei

Teseu, filho do rei Egeu e de Etra, possuía carácter guerreiro e grande valentia e para poupar a vida dos jovens de sua cidade, ofereceu-se para matar o Minotauro, prometendo ao seu pai que se fosse vitorioso voltaria para trocar as velas dos barcos de pretas para brancas

Quando os rapazes e moças desembarcaram em Creta, Ariadne, filha do rei cruel, Minos e Pasífae, apaixonou-se por Teseu e resolveu ajudá-lo a sair do labirinto, deu-lhe uma espada mágica e um fio resistente para marcar o trajeto dentro do labirinto e, assim sair sem problemas, o fio deveria ser desenrolado atrás de si a medida que avançasse pelo Labirinto para achar a saída. (FRANCHINI E SEGANFREDO 2003)

3.3 De volta à luz, Teseu torna-se um rei vitorioso

Com a ajuda do fio de Ariadne, Teseu foi bem sucedido e conseguiu matar o Minotauro e libertar-se do Labirinto. Entretanto, o herói esqueceu-se do que combinara com seu pai, e não colocou velas brancas no navio. Em Atenas, o rei Egeu aguardava ansioso o retorno de Teseu e vendo que o navio se aproximava com velas negras, pensou que havia perdido o único filho e lançou-se ao mar, do alto da acrópole. Em sua homenagem o Mar Egeu tem esse nome. (FRANCHINI E SEGANFREDO 2003)

Teseu venceu e matou o Minotauro e, logo após, sabotou os navios cretenses e para evitar qualquer perseguição, voltou a Atenas como amigo de Ariadne. Este valente e audacioso guerreiro, além de matar o minotauro e vários malfeitores da cidade como Cersião, lutou ao lado de Hércules contra Agamenon, frustrou Medeia de matá-lo, foi um herói como poucos, salvou Atenas do domínio de Creta, acabou

com a obrigação do sacrifício de sete moças e sete rapazes e tornou-se o vitorioso rei de Atenas, O Mito Teseu, cumpre seu papel e seu ritual de passagem para salvar o seu povo e devolver-lhe a liberdade.

Na mitologia as descidas às grutas e labirintos representam morte e rituais iniciáticos, onde o indivíduo passa por experiências transformadoras e profundas que o levam à origem do ser. É como se fosse o retorno ao útero materno, de onde emergem profundamente transformados, alguns até mudam de nome. É o renascimento.

3.4 A prova iniciática

A função dos símbolos não é somente expressar conteúdos inconscientes, funcionam como reguladores psíquicos de grande valor, uma ferramenta indispensável para o caminho da individuação. Os símbolos referem-se a algo tão profundo e complexo que a consciência limitada como é, não consegue captar seu significado de uma só vez.

Para Jung os arquétipos fazem parte do universo pouco definido, mas imprescindíveis para o conhecimento do homem como um todo. Para ele inexistem definições finais para os arquétipos, existem apenas formas de tentar compreender o seu funcionamento no ser humano.

Os arquétipos são elementos nucleares dinâmicos, presentes na psique humana que estabelecem padrões tanto para a vida psíquica quanto física e os mitos, lendas e metáforas são imagens através das quais os arquétipos viajam e chegam até nós.

Os arquétipos são estruturantes, geradores de imagens e símbolos, são invisíveis e impossíveis de emergir na consciência, mas seu efeito sempre aparece nas inesgotáveis imagens arquetípicas pessoais e coletivas.

Qualquer símbolo pode ser curador desde que revele informações necessárias para o auto conhecimento. Os símbolos de cura são aqueles que proporcionam uma

relição do consciente com o inconsciente, tornando-se chave para a interpretação dos bloqueios e estímulos para a psique se organizar, pois liberam energia psíquica inconsciente permitindo que flua até o nível normal transformador.

Segundo alguns autores, na mitologia o labirinto caminho longo e sem saída, representa o útero, o ponto de partida para o conhecimento, Teseu, representa o feto que deve nascer, crescer e achar a verdade, a libertação, a saída. Ariadne é o cordão umbilical, que permite a saída para a luz, representa o Hara.

O minotauro é a prova iniciática que em terapia transpessoal significa sombras e complexos que precisam ser resgatados. As expressões artísticas livres são hoje o fio condutor, uma ferramenta muito especial para resgatar os conteúdos inconscientes e transformá-los, pois através do fio (arte) podemos aprender sobre nosso próprio psiquismo e descobriremos as luzes e sombras de nós mesmos evitando as projeções.

Através da expressão simbólica pode-se vencer a desordem interior e reatar os vínculos com a realidade. A arte é um recurso terapêutico fabuloso para conectar os mundos internos e externos através da simbologia, metáfora e arquétipos.

Para Jung a arte tem finalidade criativa e a energia psíquica consegue transformar-se em imagens através dos símbolos fazendo emergir o inconsciente mais profundo.

Ao se colocar à disposição para matar a fera, ao se dispor a entrar no labirinto e enfrentar o desconhecido o inesperado, Teseu não sabia que iria receber um fio condutor, ou que venceria o Minotauro, não sabia se retornaria vivo e nem como voltaria, porém acreditou em seu Self e em sua sede compulsiva de conhecimento. Teseu soube ousar e, como prêmio, ganhou a liberdade e a vitória, o caminho da individuação.

3.5 A arte como fio transformador

No mundo inteiro, autores usam a imagem do labirinto, para exemplificar os descaminhos, temores, dificuldades, provas dúvidas e sofrimentos do homem.

Nos labirintos, todos os caminhos são parecidos, portanto produzem efeito espelho, por isso podemos olhá-los sem preconceitos, ao tempo em que nos ligam aos subterrâneos (terra) nos colocam em estado de meditação (céu) e nos faz centrados, à procura da saída, da libertação.

A descida aos labirintos que são símbolos de alquimia, um caminho escuro e sinuoso que precisamos superar para chegar ao centro de si mesmo. Essa jornada iniciática atíca o lado direito do cérebro, o lado criativo, deixando florescer as formas holográficas e fazendo o indivíduo ampliar o processo de reconhecimento de si e dos outros e aprender a lidar com suas sombras e experiências traumáticas, vivenciando o próprio psiquismo e tornando-se preparado para ajudar os outros e a si mesmo a encontrar a viagem de volta.

Visualizar um símbolo tão complexo, escuro, sem saída com tal abertura, nos ensina a não projetar nosso psiquismo nos outros, pois entendemos que nos labirintos o fio é uma teia de duas pontas: uma ponta do fio está presa nas mãos de Ariadne (terapeuta) e a outra na nossa própria mão, ou seja, somos nós que temos que atravessar o labirinto e acharmos a saída sem preconceitos.

Nesse aspecto, Teseu mexe com o tema do “curador ferido” a partir do cordão de Teseu, todos podemos encontrar a saída. O Este mito representa simbolicamente a procura da individuação, a procura em nós mesmos nos traços de memórias latentes, resíduos arquetípicos ancestrais, comuns a todos nós.

Variados autores definiram arteterapia com conceitos semelhantes ao que diz respeito à auto-expressão. É a arte ilimitada unida ao processo terapêutico, que transforma a arteterapia em uma técnica especial. A arteterapia resgata o potencial criativo do homem, buscando a psique saudável e estimulando a autonomia e transformação interna, para reestruturação do ser.

3.6 Os labirintos e as expressões artísticas

Nos labirintos precisamos fazer escolhas, pois os caminhos são enganosos, escuros, de sofrimento e morte. É preciso nos dirigir ao centro e giramos sobre nós mesmos para acharmos novos caminhos, mas há sempre perigo de nos perdermos, portanto, só podemos ser libertados nos dirigindo ao santuário interior e descobrindo nossa própria essência.

As expressões artísticas são excelentes para fazerem emergir estes arquétipos e nos orientar no caminho de volta. Jung comenta que seja qual for a inconsciência, sabe-se que é um fenômeno natural que produz símbolos profundamente relevantes. (Jung 1971)

Ao ser libertado do labirinto, Teseu vê a verdade claramente, pois descobre através do cordão, que o ponto de partida é a chegada. O fio de Ariadne é o cordão umbilical que une a criança à mãe terra, caverna fundamental, para onde todos devemos retornar um dia, mas antes precisamos viver em harmonia com as sombras e as imagens inconscientes que são fonte das conscientes.

A arteterapia favorece o processo terapêutico, de forma que o indivíduo entre em contato com conteúdos internos inconscientes, que por algum motivo foram barrados pelo Ego mas precisam se expressar para a cura do ser.

O labirinto e o mito do Cordão de Teseu nos leva a abriremos o nosso coração para as artes, para a beleza, para o encantamento, pois, ao mesmo tempo que nos leva à experiência espiritual profunda, nos faz entrar em contato direto com a idéia de ser morto, pois ao entrarmos em contato com a idéia da morte, observamos que emocionalmente precisamos entender a morte porque é parte integrante de nós.

A alegria da chegada nos lembra de que fazemos parte da terra, que e a ela retornaremos, ela é também, um caminho para atingir o espiritual e Lembramos que também temos os nossos ciclos, e não podemos fugir deles.

O emprego de expressões plásticas na psicoterapia como canal de contato com atividade interior do paciente, exige um treinamento sobre os níveis não verbais de nosso ser total, um conhecimento aprofundado e extenso sobre as representações simbólicas do homem e do universo no qual se insere, assim como um estudo integrado e comparativo desta linguagem no universo de cada paciente a médio e a longo prazo Sugere (HUXLEY 1950).

“A palavra fracassa. Mas a necessidade de expressão, imperiosa e inerente a psique, leva o indivíduo a configurar suas visões, o drama de que se tornou o personagem, seja em formas toscas ou belas, não importa”. (SILVEIRA, 1997)

Acontece que é justamente em atividades feitas com as mãos, que muitas vezes, se revela a validade dessas sementes criativas. Sobretudo por ser uma atividade psicológica, a atividade criadora traz à tona livremente as imagens, sinais contidos no inconsciente, que podem ser reveladores da psique. (JUNG apud SILVEIRA, 1997)

4 BRINCANDO DE ARTISTA E ENCONTRANDO-SE O FIO CONDUTOR

4.1 A criança e o mundo das artes

As crianças adoram o mundo das artes, traçam círculos, mandalas, rabiscam, pintam, fazem cenários, castelos. Toda criança desenha, experimenta e transforma com liberdade criativa o que estiver em suas mãos.

Seja a massa de modelar, o papel, o lápis ou a argila, com eles constroem heróis e vilões, para elas a arte é uma forma de se expressar e refletir o que pensam e sentem sobre si mesmas e sobre o mundo, é muito difícil uma criança não aceitar produzir artes.

Através das artes espontâneas, as crianças passam a entender melhor suas emoções e a mostrarem suas interpretações dos conceitos e valores. Qualquer uma pode mexer no inconsciente coletivo criando fadas, bruxas, protagonistas e antagonistas, com massa ou papel, através de pinturas, fantoches, sucatas, mosaicos, tapeçaria, colagens, modelagens, faz de conta, fazem nascer um monstro ou um príncipe.

Artes produzidas por crianças devem ser livres. O terapeuta não deve jamais induzir crianças a imitar modelos prontos, deve instigá-los a contextualizar e criar sua própria arte, partindo da leitura que fazem do mundo, pois o inconsciente forma seu próprio caminho, manifestando-se no mundo externo.(FURTH 2006)

As produções infantis são riquíssimas, pois reúnem elementos do seu mundo e formam um novo significado, tornando-se eficazes para se entender seu desenvolvimento psicológico.

Crianças que são incentivadas a criar ampliam sua visão e sempre causam deliciosa surpresa para quem as acompanham.

4.2 A importância de incentivar a criança a produzir artes

Incentivá-las a produzir artes ajuda a facilitar o contato com a percepção e os órgãos sensoriais que integram a sabedoria interna, elas adoram escorregar os dedos nas

tintas geladas e escorregadias e são introduzidas no rico universo das cores, facilitando o processo criativo transformador.

A importância da arteterapia para crianças é que se trata de uma ferramenta diferente das demais, pois a criança está no centro do acontecimento. Embora a cura não ocorra através da arte em si, mas da ação de criar, deixar vir à tona forças negativas que agem no interior.

Muitas crianças não querem ou não sabem o que falar durante a terapia, então o momento de criação torna-se mágico, íntimo e requer confiança e respeito, por parte do terapeuta, pois é necessário cuidado especial para fazer a criança encontrar o cordão de Teseu e se libertar dos conflitos.

4.3 O ambiente ideal para a criança produzir artes

Faz-se necessário um ambiente calmo, aconchegante, acolhedor e seguro, que sustente a criança em seu processo de constituição do SELF. É necessário de alguma forma estar familiarizado com as características dos complexos e suas relações com os desenhos e as artes.

Deve-se lembrar que o confronto com as forças negativas dentro de si mesmo é uma tarefa difícil, requer honestidade e coragem, portanto não se trata de eliminar as forças negativas de uma criança a curto prazo, é preciso paciência, cuidado, respeito, atenção e observação contínua.(MERLAU 1971)

4.4 O temperamento dos pequenos artistas em terapia

Ao observar a expressão artística de uma criança numa sessão terapêutica deve-se levar em conta o temperamento da mesma, alguns são elétricos, apáticos, sensíveis, receosos, tímidos, dóceis, profundos, distantes, positivos, negativos ou hiperativos.

Alguns são assim por um dia uma semana ou sempre, a terapia funciona bem, quando nos aproximamos com cuidado e paciência para ajuda-los a se expressarem por meio da investigação e descobertas.

Os desenhos em particular, expressam grandes oportunidades de informações inconscientes e parecem ter ligação direta entre as patologias psíquica e somática.

“Dessa forma, quando o inconsciente fala por meio do desenho geralmente expressa anomalias somáticas potenciais que a mente não está preparada para entender”. (FURTTH,2006)

4.5 A importância das mãos na arteterapia

As expressões artísticas são ferramentas interessantes que dão aos pacientes com dificuldade de expressão verbal a oportunidade de mostrar seus conteúdos, conflitos e arquétipos através das mãos.

A psicoterapia tem por meta não só a dissolução de conflitos intrapsíquicos e de problemas interpessoais, mas favorece também o desenvolvimento de sementes criativas inerentes ao indivíduo e de que o ajudam a crescer. Acontece que é justamente em atividades feitas com as mãos, que muitas vezes, se revela a validade dessas sementes criativas.” (SILVEIRA, 1997:88)

As mãos são extremamente sensíveis, podem absorver forças e repassá-las, as mãos são mediadoras entre os mundos psíquicos e materiais. No caso da arteterapia as mãos são importantes meios transformadores por meio delas a imagem interna se materializa, toma forma vem à tona.

Partindo-se do princípio, de que muitas vezes não se consegue falar de conflitos pessoais, a arteterapia possui recursos artísticos para que sejam projetados e analisados, todos esses processos, obtendo uma melhor compreensão de si mesmo, e podendo ser trabalhado no intuito de uma libertação emocional.

É através da expressão artística que o homem consegue colocar seu verdadeiro Self da maneira mais pura e direta que possa existir. Uma obra de arte consegue por si só, transmitir sentimentos como alegria, desespero, angústia e felicidade, de maneira única e pessoal, relacionadas ao estado espiritual que se encontra o autor no momento da confecção.

A arteterapia mostrou favorecer o processo terapêutico, de forma que o indivíduo entre em contato com conteúdos internos e muitas vezes inconscientes, que foram bloqueados por algum motivo expressando assim sentimentos e atitudes, até então desconhecidos.

4.6 Erros e borrões ou conteúdos reprimidos?

O ideal é ter material suficiente e disponível. Os materiais a serem usados por crianças não devem, oferecer perigo, os lápis de cores permitem maior observação de detalhes que os de cera, canetas hidrográficas não permitem a observação das graduações. É aconselhável ter uma variedade de cores e papel A4, papeis grandes dificultam o desenho.

Um lápis com borracha, deverá ser disponibilizado e toda atenção deverá ser concentrada para observação do que for apagado. Os erros, apagões, lapsos, esquecimentos não são simples acidentes, podem ser conflitos negados, medos reprimidos ou ansiedade.

Os acidentes são ricos materiais para o terapeuta trabalhar o que há por trás, dos erros e rasuras, que sentido faz o símbolo oculto em particular para o paciente.

Os desenhos abstratos podem representar fuga, traumas, falta de aceitação ou busca de espiritualidade.

É importante também observar o fluxo, a trajetória, para onde o objeto está direcionado, para onde se movimenta, por exemplo, se uma flecha está direcionada para a cabeça do padrao, pode haver alguma intenção oculta que precisa ser trabalhada.

As formas destorcidas e fora de proporção, significam áreas com maior proporção de problemas, pernas enormes, podem significar fuga. Os objetos repetidos referem-se a tempo, eventos significativos, traumáticos ou até a própria morte, se o desenho for premonitório, muito comuns em pacientes terminais.

“As técnicas da arteterapia baseiam-se no conhecimento que o indivíduo, tenha ou não treinamento em arte, possui capacidade latente para projetar seus conflitos internos sob forma visual”. (BIEULER, 1961:68)

4.7 Atitudes terapêuticas diante das produções artísticas

Cada criança desenha símbolos específicos, tirados do seu próprio mundo. São informações muito íntimas e pessoais, por isso, em se tratando de crianças, as orientações verbais devem ser simples, curtas. Por exemplo, “você pode desenhar alguma coisa que aconteceu com você?” Mas a criança deve entrar em seu próprio ritmo.(SANS 1992)

Se não reconhecer a imagem desenhada, jamais perguntar “o que é isto?” Melhor é dizer: “fale-me sobre esta figura, o que ela representa para você?” Encorajar a criança a falar por tópicos: “o que está acontecendo lá embaixo? Porque o sol desceu? Isso facilita a interpretação.”(FURTH,2006)

Nenhum terapeuta sabe o que a figura quer dizer, mas a figura sabe e só quer ser ouvida, siga três princípios: preste atenção a impressão que a figura causa, não há necessidade de compartilhar “significados com o paciente” guarde suas impressões, podem estar totalmente incompatíveis com a realidade psíquica do paciente. **Haja como um pesquisador**, cada desenho é único e a interpretação perfeita é flexível.(FURTH, 2006)

No caso de ajuda terapêutica a crianças hospitalizadas, jamais permitir ajuda externa para as artes das crianças, nem médicos, enfermeiras, pais, irmãos, os palpites dos pseudo-artistas muda o contexto da arte, desvirtua a energia dos desenhos. O paciente precisa encontrar as forças curativas em si mesmo.(FURTH, 2006)

A construção artística permite as crianças infinitas opções de descobertas, estimula o reflexo, amplia o campo de descoberta e o auto conhecimento, portanto, desenvolve na criança recursos físicos, cognitivos e emocionais, eleva a auto estima e promove a cura.

5- CONCLUSÃO

Conclui-se com esta pesquisa que diante de uma expectativa dos frutos que poderão germinar das sementes dispersas, citadas aqui ou não a arteterapia é um excelente instrumento para psicólogos e terapeutas, um eficiente e criativo meio de cura, compreensão e expansão do ser em suas diversas dimensões.

Verifica-se que embora as teorias da psicoterapia junguiana permanecem como pano de fundo na justificativa deste campo temático. Poucos profissionais desenvolvem suas atividades utilizando-se das expressões artísticas ou servindo-se de suas descobertas e de modo aprofundado, dando margens a equívocos.

A arteterapia distingue-se como método de tratamento terapêutico particular ocorrendo na interação entre o sujeito (criador), o objeto (arte) e o terapeuta (facilitador), os recursos são os símbolos e a imaginação. Mas é a arte o verdadeiro facilitador do processo de cura.

O mito Cordão de Teseu, põe o homem defronte do si mesmo englobando a unidade e a totalidade da personalidade integral. Diante dos mitos e símbolos o consciente e inconsciente encontram no lado oposto do fio as forças curativas.

Partindo-se do princípio que muitas vezes o paciente não consegue falar de seus conflitos pessoais, a arteterapia possui recursos que os ajudam a projetá-los, para que possam ser analisados e para melhor compreensão de si mesmo.

O que determina o contexto histórico de cada um transcende a consciência, forçando o homem de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, que implica na ampliação da consciência e faz encontrar o si mesmo.

A utilização de recursos artísticos tem como finalidade a mais pura expressão do verdadeiro Self, não se preocupando com a estética, e sim com o conteúdo pessoal implícito em cada criação e explícito como resultado final.

A busca da terapia da arte é uma maneira simples e criativa para resolução de conflitos internos e possibilidade de catarse emocional de forma direta e não intencional uma vez que a necessidade da morte de padrões que não servem mais,

podendo ser medos, culpas, amores não correspondidos ou dores que podem ser enterradas.

Através da arte, isto tudo nos faz entrar em contato com o que está adormecido no inconsciente, sufocado, reprimido, esquecido, trazendo à consciência os conteúdos inconscientes e fortalecendo o ego, estruturando-o.

6 REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- ABRANS, Jeremiah. **O reencontro da criança interior**. São Paulo: 1999.
- BLEULER – **Dementia praecox or the group of schizophrenias**. Nova York, International Universities: 1950.
- CARNEIRO, Celeste. **Experiência com o hemisfério direito**. Salvador, Alquimista, v. 2, n 12, 1998.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. 15 ed São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CASSIRER, E. **Ligagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- DONDIS, Dondis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Nova fronteira, 1991.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**.
Mitos e arquétipos da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco.1997.
- FOSTER, H. **Recodificação, arte, espetáculo e política cultural**. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.
- FRANCASTEL, P. **Pintura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FRASCINA, F . **Modernismo em disputa**. São Paulo: Cosac y Naify, 1998.
- FREIRE, Roberto. **Pedagogia Libertária (I)**. Síntese do curso realizado no Teseo — Casa da Soma. Coleção Paidéia, vol. I. São Paulo: Chuva, 1996. 63p. (Coleção Paidéia, vol. I).
- FISHER, Ernest, A. **A necessidade de arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FREUD, Sigmund. **Artigos sobre o hipnotismo e Sugestão**. Rio de Janeiro: Imago,1969.
- FURTH, gregg M. **O mundo Secreto dos desenhos. Uma Abordagem Junguiana da cura pela Arte**. São Paulo: 2006.
- MERLEAU Fonty, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.
- PERRY, G. **Primitivismo, cubismo e abstração**. São Paulo: Cosac y Naif)r, 1998.
- SANS, Paulo Cheida, **Pedagogia do desenho Infantil**. São Paulo: Alínea, 1992
- SILVEIRA, Nise de. **Jung**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 (coleção e obra)
- SILVEIRA, Nise de **O mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992.